

O filme “Corra!” na perspectiva da Análise de Discurso Crítica: reflexões sobre racismo, ideologia e discurso na atualidade

The movie “Get out!” from the perspective of Critical Discourse Analysis: reflections on racism, ideology, and discourse nowadays

Marieli Rosa  

marielly_rosa@yahoo.com.br

Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

Micheli Rosa  

michelly.hist@gmail.com

Universidade Estadual de Ponta Grossa - UEPG

Cindy Mery Gavioli-Prestes  

cprestes@unicentro.br

Universidade Estadual do Centro-Oeste - Unicentro

Resumo

Este artigo tem como finalidade apresentar reflexões acerca das implicações do racismo na sociedade. Para isso, utiliza-se como corpus de análise o filme “Corra!” (2017), cuja temática é o racismo presente nos Estados Unidos. Utilizamos o método hipotético dedutivo, com a hipótese de que, na obra analisada, há o uso de palavras que fazem parte de um discurso racista que reflete a sociedade apresentada no longa-metragem. Dessa forma, o objetivo deste trabalho é, a partir dessas escolhas lexicais, analisar a categoria da Interdiscursividade (cf. Fairclough, 2001) presente nessa narrativa cinematográfica. Nossa pesquisa, então, é qualitativa e bibliográfica, sendo que nossa análise está baseada na Análise de Discurso Crítica, ADC, (FAIRCLOUGH, 2001, 2003), em van Dijk (2008, 2010), no que diz respeito ao racismo, e no conceito de ideologia proposto em Thompson (2011). Constatamos, por meio de nossa análise pautada na noção de Interdiscursividade, que as escolhas das palavras utilizadas nos discursos apresentados no filme estão relacionadas com a sociedade estadunidense e os processos históricos e culturais relacionados ao racismo. Dessa forma, essa pesquisa contribui com a ADC e com a ideia de que as escolhas lexicais marcam também os diversos discursos, como os racistas, os preconceituosos e os discriminatórios, por exemplo.

Palavras-chave

Análise Crítica do discurso; Interdiscursividade; Ideologia; Racismo; Discriminação.

Abstract

This paper aims to show some reflections on the implications of the racism in the society. For that, our corpus of analysis is the movie “Get out!” (2017), which theme is the racism in the United States. We use the hypothetical deductive method, and we hypothesize that, in this mov-

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 10/11/2020

Aprovação do trabalho: 04/12/2020

Publicação do trabalho: 22/01/2021

 10.46230/2674-8266-12-4351

COMO CITAR

ROSA, Marieli; ROSA, Micheli; GAVIOLI-PRESTES, Cindy Mery. O filme “Corra!” na perspectiva da Análise de Discurso Crítica: reflexões sobre racismo, ideologia e discurso na atualidade. *Revista Linguagem em Foco*, v.12, n.3, 2020. p. 89-109. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4351>.

Distribuído sob



ie, there are words used there that belongs to a racist discourse which reflects the society presented in the movie. Thus, the objective of this paper is, from these lexical choices, analyze the category of Interdiscursivity (see Fairclough, 2001) presented on this movie. So, our research is qualitative and bibliographical, and it is based on Critical Discourse Analysis, CDA, (FAIRCLOUGH, 2001, 2003), on van Dijk (2008, 2010), in relation to racism, and on the concept of ideology proposed by Thompson (2011). We found, through our analysis based on the notion of Interdiscursivity, that the choices of words used in the discourses presented in the movie are related to American society, and the historical and cultural processes related to racism. In addition, we can affirm that this research contributes to CDA, and the idea that lexical choices also mark the different discourses, such as racist, prejudiced and discriminatory ones, for example.

Keywords

Critical Discourse Analysis; Interdiscursivity; Ideology; Racism; Discrimination.

Introdução

Tanto a Linguagem quanto o Poder permeiam as relações sociais e são extremamente importantes no campo da Análise de Discurso Crítica (doravante ADC). O Poder está sempre em disputa e sua construção e manutenção é concretizada através da Linguagem. Dessa forma, o presente artigo aborda as questões acerca do racismo estrutural na sociedade, através da análise do filme produzido e dirigido por Jordan Peele, "Get out!", de 2017, intitulado no Brasil "Corra!".

Em "Corra!" (2017), observamos o porquê de Peele ser aclamado pela crítica especializada ao reunir suspense e terror sob o tema do racismo. Ao assistirmos ao filme, temos uma experiência desagradável e incômoda, visto que o diretor conseguiu, por instantes, nos colocar na posição da personagem principal, Chris, interpretado por Daniel Kaluuya, que é negro e que vai passar o final de semana na casa dos sogros brancos. Ressalta-se que tal experiência não retira o mérito da produção cinematográfica, pelo contrário, nos transporta para a realidade do racismo institucionalizado e nos expõe questões raciais aterrorizantes, refletindo os preconceitos raciais vivenciados pelas comunidades negras.

Estreante como diretor e com baixo orçamento, Peele tornou-se o primeiro negro a ganhar a estatueta na categoria roteiro original. Além disso, o filme foi indicado para quatro categorias do Oscar: melhor filme, ator, diretor e roteiro original. Em linhas gerais, a produção nos proporciona a estranheza de estar num ambiente hostil, as sutilezas do racismo e os embates históricos-sociais das relações étnicas nos Estados Unidos.

Para analisarmos a temática do racismo em "Corra!" (2017), utilizaremos o arcabouço teórico da ADC por Norman Fairclough (2001, 2003), visto que permite analisar a relação dialética entre linguagem e sociedade. Para isso, consideramos a produção cinematográfica um texto em que produtor/diretor recria na esfera narrativa as questões sobre o racismo estrutural nos Estados Unidos. Dessa forma, a partir dos conceitos de Discurso e Poder, tem-se a finalidade de compreen-

der a questão da Interdiscursividade (cf. FAIRCLOUGH, 1992, 2003) na produção de Peele. Utilizamos ainda como embasamento teórico a Linguística Sistêmico Funcional (doravante LSF), os postulados acerca de racismo de van Dijk (2008, 2010) e o conceito de Ideologia de Thompson (2011).

Através da Interdiscursividade, tem-se o interesse de compreender e inferir sobre os discursos articulados ou não nos textos, assim como as maneiras como são articulados (RESENDE; RAMALHO, 2016). Essa categoria de análise, dentro da ADC (FAIRCLOUGH, 2001, 2003), é relacionada aos projetos e campos sociais particulares, visto que é possível identificar discursos e aspectos da sociedade através do léxico. Dessa forma, analisar o racismo e suas formas de violência na atualidade torna-se extremamente urgente.

Em relação ao filme, a exposição das práticas de discriminação e segregação de negros nos Estados Unidos torna-se explícita durante a narrativa. Além disso, ao aproximarmos nossa análise aos contextos históricos, políticos e sociais, a crítica ao racismo torna-se evidente, haja vista que o produtor/diretor do roteiro pontua as construções de assimetrias de poder existentes em um país que carrega discursos de supremacia branca em sua história.

A violência, a exploração, a discriminação e a criminalização na sociedade capitalista são vivenciadas diariamente pelas populações negras ao longo da história. Ao expor a realidade do racismo, comprometemo-nos, através da Linguística Social Crítica, a executarmos uma análise de cunho político e antirracista. A produção de Jordan Peele é um convite para repensarmos nossas relações humanas e, acima de tudo, para repensarmos o racismo estrutural, ou seja, um convite para a estranheza daquilo que por séculos foi naturalizado.

Com o intuito de alcançarmos os objetivos ora propostos, iniciaremos este artigo-contextualizando o racismo nos Estados Unidos. Em seguida, exporemos, na seção 2, concepções metodológicas e teóricas da Análise de Discurso Crítica e suas contribuições no campo da Linguística. Em seguida, apresentamos, na seção 3, a análise do filme “Corra!” (2017), a partir da categoria analítica Interdiscursividade. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

1. Racismo ontem e hoje: reflexões histórico-sociais sobre as desigualdades raciais nos Estados Unidos

É bastante frequente vermos noticiados inúmeros casos de racismo nos Estados Unidos. Citamos dois deles ocorridos durante o período de execução da presente pesquisa como forma de embasar toda a discussão presente neste arti-

go, principalmente no que diz respeito às questões sociais e culturais que envolvem nossa análise.

O primeiro deles ocorreu no dia 23 de fevereiro de 2020, na cidade de Brunswick, no estado da Geórgia. De acordo com a redação do Pragmatismo Político, tomando como base uma notícia da CNN¹, enquanto praticava sua corrida diária em um bairro de classe média, o jovem negro Ahmaud Abbery foi perseguido por dois homens brancos, Gregory McMichael, ex-oficial da polícia, de 64 anos, e seu filho Travis McMichael, de 34 anos. Após um conflito corporal, Travis alveja Abbery, que era estudante e jogador de futebol de 25 anos de idade, que não resistiu aos ferimentos.

Toda a ação foi filmada e o vídeo divulgado nas redes sociais. Após assistir ao vídeo, a Mãe de Abbery afirmou: "Meu filho estava praticando sua corrida diária e foi caçado como um animal". Os McMichael justificaram a ação racista com o argumento de que "estavam procurando o suspeito de um assalto no bairro". No entanto, o jovem não era suspeito de assalto nem estava armado. Ressalta-se que o inquérito sofreu alterações e somente em 05 de maio de 2020 é que as circunstâncias do crime foram esclarecidas.

O segundo caso ganhou repercussão mundial e ocorreu no dia 24 de maio de 2020, em Minneapolis, no estado de Minnesota. De acordo com a notícia veiculada na BBC, a partir dos vídeos feitos do evento e divulgados em redes sociais, é possível verificar o policial Derek Chauvin algemando George Floyd, de 46 anos, acusado de comprar um maço de cigarros usando uma nota falsa, e deixando-o de bruços no chão. Por aproximadamente 10 minutos, o policial manteve seu joelho sobre o pescoço de Floyd, apesar de o rapaz, que não estava armado, dizer que não conseguia respirar.

A onda de protestos nos Estados Unidos, chamada de *Black Lives Matter*, repercutiu e demonstrou a força, a resistência e a luta histórica dos povos negros. Como o caso de Abbery, os movimentos subsequentes ao assassinato de George Floyd fizeram com que os Estados Unidos 'ardessem em chamas', visto que o Movimento *Black Lives Matter* denunciou as atrocidades dos aparelhos do Estado contra as populações pobres e negras, os discursos racistas do atual presidente e a crise política e social que o país está vivendo.

Esses exemplos não são únicos nem pontuais, ao contrário, são recorrentes. Ao longo da história dos Estados Unidos, observa-se uma forte hierarquia racial pautada na legalidade constitucional. Desde o período da escravidão até os

¹ Todas as informações e citações apresentadas aqui foram retiradas das notícias divulgadas no Pragmatismo Político e na CNN.

contornos pós-abolição, as políticas orientadas pela ideia de supremacia branca retiraram dos afro-americanos os direitos civis e sociais.

A ideia da “raça branca como raça dominante” era uma doutrina predominante na primeira metade do século XX. A desigualdade biológica, produto da ideologia de uma pseudociência do século XIX transformou-se, após perder legitimidade, em uma suposta inferioridade cultural (GUIMARÃES, 1999, p. 104). Dessa forma, o racismo origina-se de uma doutrina que justifica a desigualdade entre os seres humanos, entre supostas divisões de raças e que enfatiza as diferenças sociais e de tratamento pelas diferenças raciais.

De acordo com Almeida (2018),

[...] o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas consciente ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2018, p. 25).

O racismo possui um caráter sistêmico e tem em sua constituição condições de subalternidade e de privilégio nos níveis político, econômico e social. Assim, o racismo perpassa a esfera estrutural, institucional e individual. Nos Estados Unidos, temos como exemplo políticas racistas no século XIX e no século XX que foram questionadas pelos movimentos pelos direitos civis nas décadas de 1950 e 1960.

De acordo com Almeida (2018, p. 39), “o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática”. Em suma,

a permanência do racismo exige, em primeiro lugar, a criação de um imaginário social em que determinadas características biológicas ou práticas culturais sejam associadas à raça e, em segundo lugar, que a desigualdade social seja naturalmente atribuída à identidade racial dos indivíduos ou, de outro modo, que a sociedade se torne indiferente ao modo com que determinados grupos raciais detêm privilégios (ALMEIDA, 2018, p. 57).

No bojo do processo de formação nacional dos Estados Unidos, a classificação racial conduziu o país a décadas de segregação racial. Para compreendermos melhor tal característica, os estudos de Romanelli e Tomio (2017) nos permitem compreender as relações raciais na “terra da liberdade” a partir da Suprema Corte.

A constitucionalidade da segregação deu-se a partir do resultado do caso

Plessy, em 1896. Em linhas gerais, a jurisprudência estadunidense afirmava, naquele período, que a 14ª Emenda da Constituição se mantinha garantida, visto que a separação de negros e brancos não a violava (*separed but equal*, ou seja, separados, mas iguais). Mas a sujeição dos negros aos brancos era legitimada e mantida devido ao “fino disfarce” e de uma suposta “ordem natural” (ROMANELLI; TOMIO, 2017). Essa doutrina vigorou até a ascensão dos Movimentos pelos Direitos Civis na década de 1950.

No caso Brown (1954), a Suprema Corte alterou significativamente a consolidada jurisprudência nas questões raciais. A *National Association for the Advancement of Colored People* (NAACP), uma associação que visa aos direitos civis, solicitou a inúmeros pais, em vários estados, que tentassem matricular seus filhos em escolas de alunos brancos. Dentre os objetivos, buscavam levar à Suprema Corte as questões sobre a divisão racial, extremamente forte naquele período.

Segundo Romanelli e Tomio (2017),

[...] as reações à decisão da Suprema Corte no caso Brown demonstram o oposto. Grande parte dos Estados do Sul dos EUA buscou formas de invalidar a decisão por meio de legislação Estadual que impossibilitasse ou ao menos dificultasse que alunos negros frequentassem as escolas para brancos (ROMANELLI; TOMIO, 2017, p. 223).

O caso Brown (1954) quebrou a tradição de conservadorismo. Contudo, as políticas externas oriundas da Guerra Fria tornaram as decisões na Suprema Corte mais favoráveis às manifestações da NAACP. Consequentemente, o direito de alunos negros e brancos estudarem no mesmo ambiente tornou-se possível pelas pressões políticas e econômicas do período e não por uma garantia de direito civil e social, visto que a segregação racial continuava a predominar nas políticas estaduais.

Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos temiam a disseminação de uma propaganda negativa do país pelos soviéticos. A NAACP ganhou o caso na Suprema Corte, mas não conseguiu romper, de forma jurídica, a segregação racial no país. Ao observarmos a história dos Estados Unidos, o movimento que culminou na independência não abalou o regime escravocrata, pelo contrário, a liberdade possuía uma cor: a branca (KARNAL, 2007). Em linhas gerais, a história da “democracia branca” estadunidense custou milhares de vidas indígenas e africanas.

Na primeira metade do século XIX, nos estados do sul do país, regiões produtoras de tabaco e algodão, havia uma forte ideia de que brancos e negros jamais poderiam conviver em harmonia (KARNAL, 2007). Após a abolição, o sistema de subordinação racial impôs medidas para a segregação dos negros em

níveis civis, sociais e econômicos.

Portanto, o convívio nos espaços públicos e institucionais fixaram a separação. As medidas impostas à população negra foram legitimadas por leis específicas, além do linchamento e violência. As ideias racistas estavam ancoradas pela cultura da supremacia branca estadunidense e, por isso, as condições de trabalho, moradia, educação e saúde dos negros eram negligenciadas pelo Estado.

No entanto, as populações afro-estadunidenses agiram contra o racismo e a violência. Sempre houve resistência e luta contra a ideologia dominante e, por conta disso, diversas organizações políticas surgiram. Destacam-se, aqui, os movimentos por direitos civis, direitos econômicos, políticos e dignidade social, na segunda metade do século XX.

Figuras históricas como Luther King, Malcom X, Angela Davis (Movimento Panteras Negras), Grace Lee e James Boggs tiveram papéis importantes na luta pelos direitos dos negros nos Estados Unidos e tornaram-se referência em escala mundial. Na atualidade, com a crise política e econômica do governo de Donald Trump, a situação das classes subalternas tornou-se ainda mais difícil com a pandemia da Covid-19. Em suma, a “terra da liberdade” traz em seu bojo o sangue negro e indígena em seu solo. Compreender a história permite-nos analisar o presente e combater o racismo. Ajuda-nos, no lugar social que ocupamos, a entender a dor dos oprimidos e daqueles que estão distantes.

A partir da exposição feita aqui, podemos ter um panorama histórico, cultural e social do racismo nos Estados Unidos. Tendo isso posto, passaremos, então, para a apresentação das contribuições teóricas e metodológicas da Análise de Discurso Crítica.

2. As contribuições da Análise de Discurso Crítica e a perspectiva crítica acerca do racismo

O papel e a contribuição da ADC consistem em oferecer um olhar social e crítico da linguagem na atualidade. O teor de criticidade desse campo de estudos concentra suas indagações sobre problemas sociais e latentes na sociedade como, por exemplo, o racismo estrutural. Dessa forma, essa vertente tem relação interdisciplinar com teorias sociais e, ao mesmo tempo, com teorias linguísticas, como a LSF. Por conta disso, é que consideramos que a ADC atende a proposta da presente pesquisa.

Fairclough (2003) ressalta, por exemplo, que o conceito de discurso e análise proposta pela ADC é tridimensional, ou seja, ela considera o discurso como

sendo ao mesmo tempo um texto, uma prática discursiva e uma prática social. A partir da Tabela 1, apresentamos as dimensões de análise e suas respectivas categorias analíticas.

Tabela 1 - Modelo tridimensional e as categorias analíticas para Fairclough (2001)

Categorias Analíticas do Discurso		
Texto	Práticas Discursivas	Prática Social
Vocabulário	Produção	Ideologia
Gramática	Distribuição	Hegemonia
Coesão	Consumo	
Estrutura Textual	Contexto	
	Coerência	
	Intertextualidade (manifesta e constitutiva)	

Fonte: Adaptado pelos autores com base em Fairclough (2001)

Nesta pesquisa, consideramos a análise das Práticas Discursivas, pois apresentam as questões referentes às atividades de produção, distribuição e consumo do texto. De acordo com Bessa e Sato (2018, p. 110), a prática discursiva contribuiu para a reprodução de identidades, crenças e valores na sociedade, assim como para sua transformação. Dessa forma, os textos "são elaborados em contextos específicos e englobam modos de produção, distribuição e consumo diversificados". O filme "Corra!" (2017), produzido e dirigido por Jordan Peele, é um exemplo de produção que conduz processos de criação, consumo e atuação dentro da esfera cinematográfica.

Salienta-se que Peele insere-se dentro de uma perspectiva contra-hegemônica, pois, ao abordar o racismo nas telas do cinema e sendo um produtor e diretor negro, ele determina uma posição política, social e ideológica em um espaço ocupado por homens brancos. Assim, sua composição relaciona-se com uma interpretação política e ideológica da sociedade estadunidense.

Para fins desta pesquisa, utilizamos a Intertextualidade enquanto categoria representacional de análise pois, ela "evidencia a historicidade dos textos, a forma como articula o presente com o passado", as redes que movimentam os textos e outros textos que os intérpretes trazem para o processo de leitura (BESSA; SATO, 2018, p. 112). A análise intertextual, segundo Fairclough (2001), é dividida em intertextualidade manifesta e a intertextualidade constitutiva, denominadas também Intertextualidade e Interdiscursividade, respectivamente. A primeira refere-se às relações dialógicas entre um texto e outros textos e a segunda às relações e

“configurações de elementos diversos de ordens de discurso” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 159). Para identificar e analisar a questão da Interdiscursividade, levamos em consideração o grau de repetição de determinado discurso e sua relação com determinado grupo (BESSA; SATO, 2018, p. 153).

As concepções sobre a natureza dialógica da linguagem desenvolvidas por Mikhail Bakhtin (1997) contribuem para a análise textualmente orientada, advinda da ADC, que tem a finalidade de compreender a sociedade para estabelecer, construir e realizar mudanças sociais. Assim, as transformações operam na recontextualização discursiva, pois o “processo de transformação social é dialético e pressupõe conexão entre elementos semióticos e outros elementos da vida social” (BESSA; SATO, 2018, p. 113).

A Interdiscursividade é uma categoria que se volta para os discursos articulados ou não nos textos e sua identificação é observada pela lexicalização, haja vista que através dos léxicos podemos vislumbrar representações sobre eventos e sujeitos. Essa relação interdiscursiva presente nos textos advém das ordens de discurso. Por isso, utilizamos a LSF, desenvolvida por Halliday (2004), que nos permite observar elementos que constroem a interdiscursividade nos textos.

Destarte, a LSF propõe uma gramática funcional baseada no uso e na necessidade dos usuários da língua e, assim, considera linguagem em seu modo dialético. Sua investigação pauta-se nas funções, significados e representações sociais a partir da língua. Portanto, as funções da vida social refletem na estrutura da língua e marcam posicionamentos políticos, sociais e ideológicos sobre determinado evento discursivo. Através dos recursos lexicais podemos observar a experiência humana, ou seja, encontramos indícios deixados pelo usuário, pois esse utiliza significados gerados por uma variedade de opções contidas dentro do sistema da língua.

A proposta desenvolvida pela LSF faz-se fundamental para compreender as estruturas linguísticas e como elas são utilizadas na vida social. Dessa forma, a LSF em ADC torna-se pertinente para a análise linguística textualmente orientada (RESENDE, 2009) e, assim, compreendemos e mapeamos as escolhas linguísticas, bem como ideológicas dos atores sociais numa determinada sociedade. Portanto, é possível identificar conexões entre escolhas linguísticas e contextos sociais.

A LSF, enquanto uma teoria multifuncional da linguagem que estabelece relações entre o texto e o contexto, é utilizada na presente pesquisa com a finalidade de subsidiar a análise proposta a partir da Análise de Discurso Crítica, que veremos a seguir.

Frisamos que as pesquisas ancoradas na abordagem da ADC nascem de

um problema social. Desta maneira, o artigo propõe e evidencia um problema estrutural que se faz presente na sociedade: o racismo. A partir disso, nossa metodologia consistiu na identificação e seleção de trechos do filme em que podemos verificar esse problema e, com base na ADC e na LSF, fizemos a análise da Interdiscursividade, nos termos de Fairclough (2001).

Com isso, procuramos promover debates e reflexões acerca de uma (possível e necessária) mudança social. Destaca-se que a teoria social do discurso utilizada na presente pesquisa tem em sua análise o comprometimento com a luta por direitos sociais e civis, justiça social, democracia e, principalmente, com a luta antirracista.

3. A temática sobre racismo estrutural no filme “Corra!” (2017): reflexões sobre a interdiscursividade sob o viés da ADC

Para realizar a análise que será apresentada nesta seção utilizamos a categoria da Interdiscursividade para compreender como os discursos são articulados e as maneiras particulares de tal representação. Assim, sua esfera é “representacional, ligada a maneiras particulares de representar aspectos do mundo” (RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 144). No que tange à LSF, percebe-se o posicionamento de Fairclough (2001, p. 105) acerca da importância desse campo, pois “faz uma apresentação mais avançada de uma forma de gramática particularmente útil à análise de discurso”.

Dessa maneira, observa-se que a LSF possibilita analisar as relações lexicais dos sujeitos sobre o mundo. A escolha realizada pelo usuário da língua a partir do vasto sistema lingüístico mostra-nos a subjetividade dos atores sociais e o contexto social em que estão inseridos. Para tanto, focamos nos significados expressados pelo sujeito de sua experiência do/no mundo.

Por léxico, van Dijk (2010, p. 136) compreende uma “seleção de palavras que podem ser mais ou menos negativas sobre Eles ou positivas sobre Nós”. Ainda que não muito detalhada nem muito sofisticada, essa breve lista de níveis e algumas estruturas do discurso fornece uma primeira impressão do modo como o discurso e suas várias estruturas podem se relacionar com alguns aspectos do racismo.

Selecionamos, então, algumas sentenças presentes na obra cinematográfica para constituir nosso *corpus*, que serão analisadas levando em consideração não apenas os aspectos textuais, mas também as práticas discursiva e textual, como proposto por Fairclough (2003). O autor aponta, ainda, que ao fazermos

uma análise, podemos observar diversos elementos, dentre eles a escolha das palavras, que será nosso foco aqui. Para ele, “a relação das palavras com os significados é de muitos-para-um e não de um-para-um, em ambas as direções: as palavras têm tipicamente vários significados, e estes são ‘lexicalizados’ tipicamente de várias maneiras” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 22). Assim, o significado dado às palavras está também relacionado a questões sociais e culturais, por exemplo. O autor ainda complementa que:

como produtores estamos diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio de palavras, e como intérpretes sempre nos confrontamos com decisões sobre como interpretar escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas) (FAIRCLOUGH, 2003, p. 22).

Tendo isso posto, nosso foco, portanto, está em observar a Interdiscursividade através da escolha de itens lexicais usados pelas personagens do filme “Corra!” (2017) como representações, em nível cinematográfico, do racismo na sociedade estadunidense. Busca-se compreender, então: (i) quais são os discursos e como eles estão relacionados (ou não) entre si?; (ii) quais traços caracterizam tais discursos no filme e como são caracterizados?

Para a análise do *corpus* também levamos em consideração as contribuições de Thompson (2011) a respeito do conceito de ideologia, “um enfoque que está orientado para a análise concreta dos fenômenos sócio-históricos, mas que ao mesmo tempo mantém o caráter crítico transmitido a nós pela história o conceito” (THOMPSON, 2011, p. 75). Segundo o autor, a análise da ideologia está preocupada e interessada em como as formas simbólicas se entrecruzam com as relações de poder e como os sentidos são mobilizados na sociedade e servem para pessoas ou grupos ocuparem posições de poder (THOMPSON, 2011).

As discussões sobre o discurso e o racismo propostas por van Dijk (2010) nos auxiliam na compreensão das estratégias discursivas de grupos dominantes e da manutenção e propagação de práticas racistas.

Já os princípios teóricos da LSF estão pautados no estudo de Fuzer e Cabral (2014). A categoria utilizada é o processo porque é um “elemento central da configuração, indicando a experiência se desdobrando através do tempo” (FUZER; CABRAL, 2014, p. 41). Os processos são realizados apenas por verbos porque o usuário da língua escolhe situar a ideia de mudança ou não.

Para que possamos alcançar o objetivo proposto, além desse embasamento teórico, é necessário, inicialmente, entendermos um pouco do que se pas-

sa no filme. Por isso, apresentamos, a seguir, uma breve narrativa sobre o filme Corra! (2017), de Jordan Peele.

Chris Washington é um jovem negro e fotógrafo bem-sucedido que viaja com sua namorada, branca, Rose Armitage, para a casa dos sogros. A atmosfera criada por Peele nos revela cenas interessantes e anteriores ao encontro de Chris com a família branca de Rose. Nas primeiras cenas, temos outro jovem negro, Andrew Logan King, caminhando por um bairro de classe média à noite. Mas ele é raptado e arrastado para dentro do porta-malas de um carro branco.

Assim, inicia-se a trajetória à casa dos pais de Rose: Missy Armitage, que é hipnoterapeuta, e Dean Armitage, que é neurocirurgião. Durante a viagem, observa-se na figura do amigo de Chris, Rod Williams, a advertência e o cuidado acerca da recepção da família branca. Cabe ressaltar que os Armitage vivem em uma casa, uma espécie de sítio, afastada da área urbana e seus funcionários são negros, Georgina e Walter. Percebe-se no filme que essa distribuição hierárquica sócio-racial incomodou Chris.

As conversas travadas pelos pais e pelo irmão de Rose, Jeremy, que é estudante de medicina nos revelam aspectos essenciais para a compreensão do desfecho da trama. Em outra conversa, Chris recebe a notícia que os pais de Rose darão uma festa para membros de uma determinada comunidade restrita.

Na primeira noite, Chris não consegue dormir devido ao vício de cigarro, então sai da casa para fumar e acaba encontrando a sra. Armitage em seu escritório. Nas ações seguintes, observa-se que uma hipnose é feita em Chris. Nesse momento, particularidades de seu passado são reveladas e o incomodam. Nota-se que ele percebe que foi hipnotizado, mas no dia seguinte acha que teve um pesadelo e perde o interesse pelo cigarro.

Durante a confraternização com os convidados da comunidade restrita, membros da elite e brancos da família Armitage começam a tratar Chris de formas que geram estranheza e incômodo. Entretanto, logo depois, Andrew Logan King surge com uma senhora branca mais velha. A princípio Chris sente-se mais confortável ao encontrar um jovem negro em meio aos brancos. Todavia, ele percebe que algo de estranho e errado está acontecendo com o jovem. A partir desse momento, o suspense e o terror se misturam no decorrer das cenas devido ao contraste entre ficção e realidade.

A confraternização era uma maneira de apresentar Chris para aquela comunidade denominada "O Coagula", ou seja, uma "Ordem", tendo como líderes os membros da família Armitage, que sequestram negros e negras para executar,

via cirurgia e hipnose, uma espécie de “controle neurológico”, como ocorreu com Georgina, Walter e Andrew. No final da segunda noite, Chris levanta algumas suspeitas, através de diálogos com seu amigo Rod Willians e, em seguida, descobre as estratégias da família Armitage para cooptar jovens negros, sequestrá-los e depois torná-los “passageiros de suas vidas”.

O termo “passageiro” é utilizado pela sra. Armitage para designar os que passaram pela cirurgia, ou seja, a personalidade do homem branco ou da mulher branca irá prevalecer sobre a identidade de negros/negras. A produção tem seu clímax no momento que a verdade é revelada e Chris resiste e luta para sair da casa. Enfim, a personagem principal reencontra o seu amigo, para seu alívio e dos telespectadores.

Narrar “Corra!” (2017) não é simples, visto que as imagens, gestos e cenários são importantes para compreender o enredo. Contudo, fornecemos um panorama geral do enredo do filme com o intuito de analisarmos o conjunto de léxicos selecionados.

Sobre a tradução do filme “Corra!”, salienta-se que foi executada, a pedido da Universal Pictures, pela Delart Estúdio Cinematográficos, conhecida como Delart Rio. A versão em português brasileiro tem a direção de dublagem coordenada por Hércules Franco e a tradução feita por Mário Menezes. Dessa forma, a análise pauta-se na tradução para a língua portuguesa dos diálogos, visto que ela “promove a circulação de textos e pode ampliar as visões ou delimitá-las” mas, “é também capaz de alimentar e transformar esse mesmo ponto, e, assim, modifica a ‘aparência’ inicial, possibilitando um caleidoscópio de leituras” (BLUME; PETERLE, 2013, p. 8).

Tendo isso posto e levando em consideração todo o embasamento teórico apresentado anteriormente, podemos trabalhar com nossa proposta. Nossa análise então se dá através da Interdiscursividade, como já comentamos. E é por meio dela que investigamos os discursos “articulados em textos e suas conexões com lutas hegemônicas mais amplas” (RESENDE; RAMALHO, 2016, p. 144).

Em um primeiro olhar lançado sobre nosso *corpus*, identificamos três eixos com o tema racismo estrutural na produção cinematográfica de Jordan Peele. Eles abarcam os seguintes discursos: a) as relações inter-raciais e o racismo; b) desigualdade social e racismo; c) “supremacia branca” e racismo. Vamos abordar cada um deles a seguir.

O primeiro eixo é o que intitulamos “Relações inter-raciais e o racismo”.

As sentenças (1), (2), (3) e (4), apresentadas no Quadro 1, abordam as

questões inter-raciais e, portanto, a dimensão discursiva sobre "Eles" e o "Outro". De acordo com van Dijk (2010, p. 138), "os discursos não só são formas de práticas interacionais ou sociais, mas também expressam e transmitem sentidos, e podem assim influenciar nossas crenças sobre imigrantes ou minorias". No caso analisado "Eles" referem-se aos membros da família Armitage que representa a classe hegemônica e o "Outro" a figura de Chris que representa jovens negros.

Quadro 1 - Relações inter-raciais e o racismo

<i>a) Relações inter-raciais e o racismo</i>		
Sentença	Personagem	Cenário
(1) Estou careca de saber como eles tratam a gente aqui	Andrew Logan King	Bairro de classe média
(2) Eles sabem que sou negro? [...] Parece algo que talvez você ficasse a fim de mencionar.	Chris Washington	Apartamento do Chris
(3) Nunca vá para a casa dos pais de uma mulher branca	Rod Williams	Viagem do Chris para a casa dos Armitage
(4) [...] família branca, empregados negros. É muito clichê	Dean Armitage, pai de Rose	Na propriedade da família Armitage

Fontes: elaborado pelas autoras

Na sentença (1), encontramos dois processos que se correlacionam, são eles: "saber" e "tratar". Enquanto "saber" traz a dimensão de consciência e entendimento por outro lado, temos em "tratar" aspectos sociais e culturais acerca das populações negras. Dessa forma, a afirmativa da personagem no início da narrativa nos alerta sobre a dimensão racista das relações inter-raciais, visto que, Andrew encontra-se andando num bairro de classe média e, em seguida é sequestrado por um sujeito que possui um carro branco. Portanto, a heterogeneidade do texto permite-nos fazer referências a outros sentidos expostos por aquele. A consciência apresentada pela personagem em relação ao espaço econômico e geográfico demonstra a discriminação vivenciada e sentida por negros e negras.

As elites, assim definidas, são literalmente o(s) grupo(s) na sociedade que mais têm "algo a dizer" e, que portanto, também têm "acesso preferencial às mentes" do grande público. Como líderes ideológicos da sociedade, estabelecem valores, objetivos e interesses comuns, formulam o senso comum, assim como o consenso, tanto como indivíduos quanto como líderes das instituições dominantes da sociedade (VAN DIJK, 2010, p. 139). Essas e outras propriedades da situação social do evento comunicativo influenciarão praticamente todas as propriedades da escrita e da fala, especialmente aquelas propriedades que podem variar, tais como seu estilo: como as coisas são ditas (VAN DIJK, 2010, p. 140).

O segundo eixo é o da "desigualdade social e racismo".

Em (2), o questionamento acerca da relação inter-racial de Chris e Rose é

apresentada nos processos “sabem”, “ficasse” e “mencionar”. Dessa forma, “saber” e “mencionar” estão relacionados a diferentes posições de pessoas no mundo e às diferenças entre elas. Observa-se que tanto “saber” quanto “mencionar” nos indicam a experiência interior do sujeito, pois estão relacionados à sua dúvida interior – “eles sabem que sou negro?” e “...você ficasse a fim de mencionar”. Os sentidos que esses dois processos nos fornecem, a partir da fala de Chris, são a dimensão histórica do racismo, ou seja, “Eles” são caracterizados como brancos e ricos e o “Outro” é um fotógrafo e negro.

A sentença (2) está relacionada com a (3), pois esta corresponde à afirmativa de Rod para Chris. Os processos que encontramos referem-se ao comportamento manifestado pela personagem mostrando a sua consciência sobre ir a casa de brancos – “Nunca vá para a casa dos pais de uma mulher branca”. Nesse caso, há um discurso sobre relações econômico-social pontuadas por seu amigo. Dessa forma, notamos que o processo “vá/ir” se refere ao grupo denominado historicamente como hegemônico e ambos estão conectados por outro item lexical: “nunca”. Evoca-se nessa sentença a experiência demonstrada por Rod no que tange às questões de discriminação presentes nos relacionamentos inter-raciais.

Em (4), temos a questão das diferenças sociais entre “patrões” e “empregados”. No caso do item lexical “clichê” encontramos sinônimos como “chavão”, “bordão”, “banal” e, principalmente, “estereótipo”. Portanto, seu sentido refere-se ao conceito de repetição, ou seja, brancos como empregadores e negros como empregados (Georgina e Walter). Os pais de Rose pertencem a uma família cuja construção patrimonial advém do período escravocrata. Tal afirmação advém dos elementos que compõem o cenário da casa, da propriedade e da organização secreta que Dean e Missy fazem parte, ou seja, dos aspectos visuais da produção cinematográfica.

No Quadro 2, podemos verificar algumas das sentenças que julgamos compor esse eixo.

Quadro 2 - Desigualdade social e racismo

<i>b) Desigualdade social e racismo</i>		
Sentença	Personagem	Cenário
(5) Agora afunde no chão. [...] você está num lugar profundo	Missy Armitage	Escritório da mãe de Rose
(6) Pele branca foi favorecida no passado há umas centenas de anos. Mas, agora, o pêndulo oscilou.	Convidado da família Armitage	Reunião de membros da "Ordem"
(7) Você acha que os afroamericanos tem mais vantagens ou desvantagens no mundo moderno?	Convidado da Família Armitage	Reunião de membros da "Ordem"
(7a) Essa é difícil!	Dean Armitage, pai de Rose	
(7b) Ora, ora, eu acho que a experiência afro para mim tem sido na maior parte muito boa	Andrew Logan King	

Fonte: elaborado pelas autoras.

Compartilhamos da definição e da reflexão apresentadas por Almeida (2018) sobre a supremacia branca. Segundo o autor, “uma forma de hegemonia, ou seja, uma forma de dominação que é exercida não apenas pelo exercício bruto do poder, pela pura força, mas também pelo estabelecimento de mediações e pela formação de consensos ideológicos” (ALMEIDA, 2018, p. 58).

Em (5), identificamos o processo que estabelece uma experiência externa que modifica a ação, expressa por “afunde” em “Agora afunde no chão...”. Esse processo infere a mudança realizada pela personagem sobre Chris, conduzindo o rapaz ao estado diferente de quando chegou e, assim a personagem sente-se numa profunda escuridão. O processo expressa discursos de apagamento relacionados à violência, à desigualdade, ao preconceito e identidade dos afro-americanos.

No excerto (6), constatamos dois pontos importantes: o passado e o presente. Nota-se que o processo “tem” constrói uma relação de atribuição, ou seja, os negros receberam uma condição boa ou ruim ao longo da história. A personagem marca em uma escala temporal que o branco era favorecido e, em seguida, opõe-se apresentando que a situação se modificou. Entretanto, historicamente observamos a luta dos negros frente ao racismo e à segregação e “é importante notar que o movimento pelos direitos civis nos EUA surgiu, e teve as suas vitórias mais retumbantes, na região mais tradicionalista, autoritária e repressiva do país: os estados do sul” (ANDREWS, 1985, p. 54). Atualmente, nota-se a permanência da desigualdade e o preconceito no EUA, como observado por meio dos casos de violência e racismo com Ahmaud Abrey e George Floyd.

Em (7), nota-se uma pergunta que se refere aos afro-americanos: há van-

tagens ou desvantagens no mundo moderno? A questão é iniciada por uma pessoa branca que desconhece a realidade e as vivências de alguém que possui a pele negra e enfrenta os desafios da desigualdade social e o racismo no cotidiano. Para as personagens como as que fazem parte da família Armitage, percebemos que elas concebem a relação entre subordinação dos negros aos brancos como elemento importante socialmente e que não veem desvantagens sentidas pelo povo negro no dia a dia, para o qual a pergunta passa a ser difícil (7a).

Afinal, ao observar a resposta de Logan King, negro que teve seu cérebro lobotomizado, dizendo: “para mim, tem sido... muito boa” (7b), é possível perceber como a ideologia da classe dominante subverte as questões raciais e sociais, fazendo as pessoas acreditarem que todo o processo de escravização ou que o racismo são mera ilusão e, dessa forma, consiga manter o poder nas mãos dos brancos.

O terceiro eixo identificado, o qual chamamos de “Supremacia branca e racismo”, é apresentado na sequência por meio dos exemplos expostos no Quadro 3.

Quadro 3 - Supremacia branca e racismo

<i>c) Supremacia branca e racismo</i>		
Sentença	Personagem	Cenário
(8) [...] sua existência será a de um passageiro. Você irá viver num lugar profundo.	Jim Hudson	Gabinete, Chris preso numa cadeira
(9) Você foi escolhido pelas vantagens físicas que usufruiu a vida toda. Com seus dons naturais e nossa determinação podemos ambos fazer parte de algo maior, uma coisa perfeita.	Roman Armitage, avô de Rose	Gabinete, Chris preso numa cadeira
(10) Nossa ordem vem desenvolvendo a muitos e muitos anos e, apenas recentemente ele [projeto coagula] foi aperfeiçoado pelo sangue do meu sangue. [...] um serviço para membros de nosso grupo.	Roman Armitage, avô de Rose	Gabinete, Chris preso numa cadeira

Fonte: elaborado pelas autoras.

Nesse quadro, encontramos elementos lexicais que refletem a dimensão histórica do discurso sobre a trajetória dos africanos e afro-americanos. Na primeira sentença, em (8), os processos relacionais utilizados pela personagem (membro da “Ordem”) em “será”, “passageiro” e “irá viver”, “lugar profundo” remetem à existência de Chris, bem como seu lugar social imposto pelas classes dominantes na sociedade capitalista.

O léxico “passageiro” leva-nos a refletir sobre os abismos sociais e históri-

cos acerca das populações africanas em terras americanas. Ao recorrermos sobre os sentidos do léxico, deparamo-nos com o seguinte significado no dicionário Houaiss, p. 332: "adj. 1 não permanente; efêmero; s.m. 2 quem é transportado num veículo". No caso da história do regime escravocrata, sabemos que milhares de homens, mulheres e crianças foram arrancados de suas terras natais. Entre os navios negreiros, os sótãos, as senzalas e *plantation*², por exemplo, eles foram submetidos a inúmeros tipos de violência. Dessa forma, "passageiro" e "lugar profundo" conectam-se, em nível representacional, para denunciar a invisibilidade das populações negras.

Nas sentenças (9) e (10), temos a marcação narrativa sobre a Ordem [O Coagula]. A cena em que se inserem as falas apresenta as ideias e objetivos da organização secreta. A trajetória da busca por imortalidade é narrada pelo avô de Rose, Roman Armitage. As palavras "escolhido", "vantagens físicas" e "usufruiu" também estão conectadas por processo relacional. Dessa forma, Roman pontua que a escolha é algo bom, furtivo e grandioso, como podemos verificar na sentença 3. Todavia, "Nossa Ordem", "sangue do meu sangue" e "nosso grupo" marcam uma distinção social, econômica e racial.

Em outra cena, Chris é sequestrado e enganado pela família Armitage por causa de "seus dons naturais" e, portanto, segundo ideais da Ordem, ele deverá "concedê-los" a um dos membros da organização, ou seja, a um homem branco. Nota-se a crítica acerca da superioridade branca na sociedade em que as vantagens são destinadas aos brancos, enquanto que os negros apenas "usufruem". Nesse contexto, temos a explicação sobre uma "Ordem" em que os membros são todos ricos, bem-sucedidos e brancos. As relações discursivas expressas nas sentenças – "serviço", "nosso grupo" – apresentam um discurso social em que o branco detém poder de decisão sob as vidas de outrem, enquanto ao negro reserva-se o ato de "servir", de "se doar".

Considerações finais

A ADC permite analisar o uso da linguagem e a relação com a sociedade, além disso, se interessa pelas condições sociais do discurso referente ao Poder e o contexto (VAN DIJK, 2010). Essa análise discursiva possibilitou realizar uma crítica social sobre o racismo e o poder hegemônico branco de forma crítica porque

2 *Plantation* é um sistema agrícola utilizado para exportação pelos latifundiários no período escravocrata em que a principal mão de obra era escrava.

examina os aspectos discursivos em práticas sociais no contexto. Ao longo do artigo observamos que as questões raciais estão fortemente presentes em nossa sociedade e torna-se necessário indagar e refletir sobre o racismo.

Na análise do *corpus*, utilizamos o campo da LSF para investigar o interdiscurso no filme “Corra!”. A concepção de língua, na LSF, está relacionada à maneira como os atores sociais utilizam a língua para produzir significados em diversos contextos. Nessa perspectiva, quando os sujeitos se utilizam da língua e elegem determinados léxicos para a comunicação, nota-se sua impressão de mundo, de ideia, de ideologia, identidade etc. As escolhas representam significados, que observamos através dos processos, que indicam a experiência através do tempo. Assim, por meio da análise dos léxicos, é possível investigar o interdiscurso, pois através dos processos identificamos os vários discursos inseridos na língua.

A investigação contribuiu para os estudos na área de Análise de Discurso Crítica e para as discussões acerca do racismo presente em uma sociedade capitalista, neste caso, a estadunidense. Enfatizamos que a presente pesquisa tem o comprometimento de respeitar a história, a memória e a luta dos africanos e seus descendentes. A análise pauta-se numa visão crítica da linguagem e através dela repudia qualquer descrição ou menção que não esteja pautada na luta antirracista.

Ressaltamos que a pesquisa percorre caminhos para a compreensão do racismo e das formas de violência contra as populações negras. Discutimos brevemente os aspectos históricos do racismo no Estados Unidos, bem como algumas reflexões sobre os assassinatos de jovens negros para apresentar e discutir o papel crucial dos estudos críticos para o combate do racismo na atualidade. Além de incluir as esferas políticas, econômicas e sociais para análise da Interdiscursividade.

Por fim, a análise lança seu olhar para discursos a respeito do racismo estrutural e o protagonismo do diretor e produtor Jordan Peele dentro de uma indústria cinematográfica, predominantemente branca e elitista. Os discursos são modificados, novos são criados e, portanto, as combinações de diferentes discursos sobre racismo estiveram presentes na análise como: desigualdade, discriminação e discursos hegemônicos. Portanto, estudar e identificar os discursos e suas representações é um dos compromissos dos estudos críticos.

Referências

- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte, MG: Letramento, 2018.
- ANDREWS, George Reid. O negro no Brasil e nos Estados Unidos. **Revista Lua Nova**, São Paulo, v. 2, n. 1, jun. 1985. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ln/v2n1/a13v2n1.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2020.
- BESSA, Décio; SATO, Denise Tamaê Borges. Categorias de análise. In: **Análise de Discurso Crítica: para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.
- BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia. Tradução e relações de poder: algumas reflexões introdutórias. In: BLUME, Rosvitha Friesen; PETERLE, Patricia. (Orgs.). **Tradução e relação de poder**. Tubarão, SC: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse and Social Change**. Oxford, UK; Cambridge, MA: Polity Press, 1992.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UNB, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.
- FUZER, Cristiane; CABRAL, Sara Regina Scotta. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua Portuguesa**. 1 ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.
- George Floyd: o que aconteceu antes da prisão e como foram seus últimos 30 minutos de vida. **BBC News Mundo**, 31 de maio de 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52868252>. Acesso em: 15 jul. 2020.
- GUIMARÃES, Antonio Sergio Alfredo. Combatendo o racismo: Brasil, África do Sul e Estados Unidos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 39, p. 1-15, fev. 1999.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MCLAUGHLIN; Eliott C.; MORRIS, Jason; BARAJAS, Angela. AhmaudArbery was killed doing what he loved, and a south Georgia community demands justice. **CNN**, 07 de maio de 2020. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2020/05/07/us/ahmaud-arbery-shooting-demands-justice/index.html>. Acesso em: 09 maio 2020.
- KARNAL, Leandro. A formação da Nação. In: KARNAL, Leandro et. al. **História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI**. São Paulo: Contexto, 2007.
- ROMANELLI, Sandro Luís Tomás Ballande; TOMIO, Fabrício Ricardo de Limas. Suprema corte e segregação racial nos moinhos da guerra fria. **Revista Direito GV**, São Paulo, v. 13, n. 1, p.204-235, jan-abr, 2017.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Tradução do Grupo de Estudos sobre Ideologia, Comunicação e Representações Sociais da pós-graduação da PUCRS. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 427 p.
- VAN DIJK, Teun A. Introdução. In: VAN DIJK, Teun A et.al. (org.). **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2010.

RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de discurso crítica e realismo crítico**: implicações interdisciplinares. São Paulo: Pontes Editores, 2009.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2016.

Sobre as autoras

Marieli Rosa - Mestranda em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Ponta Grossa-Pr. Email: marielly_rosa@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3315325982177695>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-9524-9594>

Micheli Rosa - Mestranda em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); Ponta Grossa-Pr. Email: michelly.hist@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2853280451101947>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0001-8247-8400>

Cindy Mery Gavioli-Prestes - Doutora em Letras. Professora do Departamento de Letras (DELET) da Universidade Estadual do Centro-Oeste (Unicentro); Guarapuava-Pr. E-mail: cprestes@unicentro.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4360274523411118>. OrcID: <https://orcid.org/0000-0003-3844-7943>.